



Análise da construção do discurso neonazista na novela Vitória¹

Lunara MOREIRA²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

Através das categorias que Theo van Leeuwen estuda na análise textual do discurso, das representações dos atores sociais nas imagens e da diversificação teórica e conceitual, é que cenas da novela Vitória (núcleo neonazista) foram analisadas à luz da Análise Crítica do Discurso, para verificar o conhecimento e “caracterização” da realidade, no que compete às ações e discurso neonazista. O presente trabalho iniciou-se no curso de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, no primeiro semestre de 2014 (setembro 2014/janeiro 2015) na Universidade de Coimbra (Portugal), como trabalho final da disciplina Questões Críticas da Comunicação e dos Media, ministrada pela prof^a. Dr^a. Rita Basílio. O projeto para o TCC também é fruto deste artigo e o seu desenvolvimento é visionado nos próximos passos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: análise; crítica; discurso; neonazismo.

1 INTRODUÇÃO

A novela Vitória escrita por Cristianne Fridman, exibida pela Record no período de 02 de junho de 2014 a 20 de março de 2015, levou aos telespectadores a abordagem de um tema que não tem espaço nas telenovelas brasileiras: o neonazismo. O núcleo protagonizado pelos atores Juliana Silveira (Priscila), Marcos Pitombo (Paulão), Raphael Montagner (Enzo) e Liege Muller (Bárbara)³ não se preocupou em “maquiar” a ideologia, e as cenas, apesar de chocantes, expôs um pouco sobre o assunto suscitando características que envolvem esse discurso de ódio propagado em várias instâncias, no dia a dia, em meio às pessoas “normais”.

As novelas permitem que, assuntos de forte impacto tenham lugar nas reflexões sociais, pois representam um produto cultural de grande sucesso de audiência, com formato de narrativa. Ela passou a ser objeto de estudo valorizado em várias áreas e através da televisão - principal meio de comunicação de massa

¹ Trabalho apresentado no DT 8 - Estudos Interdisciplinares no XVII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

² Estudante de graduação, cursando o 8º semestre de Comunicação Social (Jornalismo) na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: lunaralaisal@gmail.com

³ Na metade trama, revelou que era uma policial infiltrada na célula para investigar as ações do grupo.



que, em tempos onde a internet impera, ainda reúne a população por horas - começou a envolver mais a realidade “nua e crua” em suas narrativas, incluindo temas polêmicos e gerando debates e reflexões na sociedade. Pierre Bordieu (1997) afirma a este propósito que

há uma proporção muito importante de pessoas que não leem jornais diários; que se dedicam de corpo e alma à televisão como sua única fonte de informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de facto sobre a formação dos cérebros de uma parte muito importante da população (1997, p.10 apud MONTEIRO, 2003, p.8).

Neste sentido, o presente trabalho pretende analisar o discurso da novela Vitória com foco nos personagens Priscila, Paulão, Enzo e Bárbara, integrantes da célula neonazista, sendo Priscila a líder, com base nos discursos e imagens de cinco cenas⁴. Como as subjetividades humanas e o uso linguístico estão inseridos em contextos em que predominam formas ideológicas e sociais, tende-se como centro da nossa pesquisa o foco na análise crítica do discurso (ACD).

Compreender os contextos sociais do uso linguístico é, assim, um esforço para o entendimento do uso da linguagem no seio das estruturas sociais e ideológicas que organizam o que, em termos latos e abstratos, entendemos por sociedade. (PEDRO, 1998, p.21)

Nas próximas páginas, uma breve explicitação sobre a metodologia utilizada no trabalho, assim como a base do referencial teórico que alimentou essa análise e as categorias utilizadas na aplicação dos discursos.

1.1 Metodologia e Referencial Teórico

A metodologia utilizada é a análise crítica do discurso (ACD), baseadas na forma linguística e na função, contexto, estrutura social e a ideologia, desenvolvidas pelo teórico Theo van Leeuwen⁵, acompanhadas por algumas reflexões de outros autores. Essa (re)constituição linguística é dada através do sistema gramatical-funcional

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=4DUY6695o8s#t=17m33s>. Até o tempo de 20:23

<https://www.youtube.com/watch?v=fTK56K7-McY#t=01m28s>

<https://www.youtube.com/watch?v=vsf9Vje7TZ4#t=9m03s>. Vai até 12:24 e depois retorna em 15:03.

<https://www.youtube.com/watch?v=11Q6t9Vy1YA#t=01m12s>. Os diálogos também existem escritos. Não coloquei aqui pelo limite de páginas.

⁵ Professor na Universidade do Sul da Dinamarca e em outros centros de comunicação é amplamente reconhecido como um co-fundador, ao lado de Gunther Kress, da multimodalidade (uma área de investigação sobre o potencial e uso de diferentes recursos semióticos). Ele também é um conhecido teórico sobre a análise crítica do discurso. Seu trabalho em ambas as áreas é transdisciplinar.



de Halliday⁶, com a finalidade de “desvendar” nos textos e discursos, a estrutura de poder, e fornecer à própria linguística condições para “responder” às questões sociais.

A pergunta que baseia a reflexão central é: como o discurso neonazista é construído na novela *Vitória*? Para Emília Ribeiro (1998)⁷, analisar o discurso é analisar o contexto, ou seja, o discurso de um sujeito é construído na medida em que ele próprio também é. Afirma que é por isso que Canale⁸ (1983, p. 9, apud PEDRO, 1998, p. 19) acrescentou às suas competências de análise, a competência discursiva, que define como sendo “o conhecimento de como combinar formas gramaticais e significados para produzir um texto unificado, falado ou escrito, em diferentes gêneros.”

Para Halliday (1998), esta abordagem também está ligada à semiótica, que trata de entender as circunstâncias em que as coisas são verbalizadas, e através da Análise Crítica do Discurso (ACD) é relacionada com a linguagem, a ideologia, a sociedade. O professor de Teoria da Comunicação, Theo van Leeuwen, afirma que

uma dada cultura (ou um dado contexto de uma cultura) não só tem a sua própria e específica ordem de formas de representar o mundo social, mas também as de determinar, com maior ou menor rigor, aquilo que pode ser realizado verbal e visualmente, aquilo que só pode realizar verbalmente, aquilo que só pode realizar visualmente, etc. (...) Este ponto é importante para a análise crítica do discurso, visto que, com a crescente utilização da representação visual numa enorme variedade de contextos, torna-se cada vez mais urgente ser capaz de formular as mesmas questões críticas em relação às representações quer verbais quer visuais, ou seja, na realidade, em relação às representações em todos os media que constituem parte dos textos multimídia contemporâneos.” (LEEUVEN, 1998, p.171)

Van Dijk (1993), Kress (1990, 1996), Fairclough (1989), Emília Ribeiro Pedro (1998), são alguns dos investigadores que inspiram as bases da ACD. Ambos pensadores se diferenciam nos modos de analisar o discurso, mas convergem no que diz respeito aos objetos de estudo no cotidiano, na “simplicidade” do dia a dia. Eles buscam compreender e externar as práticas discursivas inerentes nas estruturas sociais, de poder e dominação, para que haja mudanças não apenas nos discursos,

⁶Halliday abordou a análise gramatical (Gramática de Escala e Categorias) e construiu um corpo de teoria articulado chamado de sistema linguístico.

⁷Desenvolve trabalho docente e de investigação nas áreas de Linguística Geral, Linguística Inglesa, Pragmática e Análise do Discurso.

⁸Aborda em seus estudos a noção de competência comunicativa, uma das teorias que fundamentam a abordagem comunicativa do ensino de línguas estrangeiras. Acrescentou depois as competências de discurso: coesão e coerência.



mas também nas práticas e estruturas sociopolíticas. Pretendem saber quais as estruturas, estratégias ou prioridades do texto, falado ou escrito, da interação verbal ou dos acontecimentos comunicativos em geral.

A seguir, as categorias que Theo van Leeuwen propõe a serem utilizadas na análise textual do discurso, exemplificado com as falas dos personagens neonazistas. Essas categorias foram estudadas de acordo com o seu artigo *A representação dos actores sociais*, presente no livro *Análise crítica do discurso*, com a organização de Emília Ribeiro Pedro, dirigida por Maria Raquel Delgado Martins e tradução de Helena Medeiros, com a Editorial Caminho.

Essas categorias⁹ trabalhadas retomam a ideia inicial de Leeuwen, de que textos e discursos recontextualizam (tornam a contextualizar) as práticas sociais, sendo os gêneros (discursivos, textuais, literários) parte das ações praticadas socialmente, pois são regulados de formas diferentes em situações diferentes e utilizam textos que não só descrevem e representam, mas também reproduzem e modificam.

2 ANÁLISE E APLICAÇÃO

2.1 As representações incluem ou excluem atores sociais

Nem todos os atores sociais presentes no discurso, precisam ser necessariamente incluídos, e a sua exclusão pode ser de maneira estratégica, sem deixar marcas ou de maneira “inocente”. A exclusão é um aspecto importante da ACD, visto que há atores sociais que se beneficiam diante de uma situação, e que o leitor às vezes não compreende essa supressão na leitura e acaba bloqueando o acesso ao conhecimento pormenor de tal prática, por exemplo.

Dentro desta mesma categoria de exclusão, Theo van Leeuwen faz uma distinção entre *supressão* e colocar em *segundo plano*.

No caso da supressão, não há qualquer referência aos atores em questão em qualquer parte do texto. (...) No caso de colocar em segundo plano, a exclusão é menos radical: os atores sociais excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas são mencionados algures no texto, e nós conseguimos inferir com alguma (embora nunca total) certeza quem

⁹ São trabalhadas mais de 10 categorias. Mas, pelo limite de páginas estipulado nos centramos em algumas.

eles são. Eles não estão tanto excluídos, mas sim pouco visíveis, empurrados para segundo plano (LEEUVEN, 1998, p.181).

Vejamos:

*Valéria: Uma pena mesmo. Eu sempre achei que você herdaria a escola e continuaria o trabalho de sua avó, que eu levei adiante. Nunca imaginei outra pessoa na frente da escola Priscila Shirley, que não fosse você. Infelizmente, acabou. E acabou por uma **escolha sua** mesmo, Priscila.*

*Paulão: Ah, não fala assim, Dona Valéria. Priscila ainda há de voltar pra escola. Ela vai desenvolver um **belíssimo** trabalho lá.*

Conforme Leeuwen exemplifica, as nominalizações permitem a exclusão de atores sociais. No *escolha sua*, temos um processo que se refere a ações passadas. Qual foi a escolha de Priscila? Há uma exclusão, subsequente a determinadas ações que levaram a este discurso. A escola poderia ter Priscila Shirley como diretora, mas por *escolha própria*, isso não acontecerá (lembrando que isso foi dito por Valéria, mãe de Priscila). O sentido de *escolha* está aqui sendo utilizado conforme a personagem Valéria analisa as “atitudes” da filha.

Os adjetivos também auxiliam. O que é um *belíssimo* trabalho? Como um *belíssimo* trabalho será desenvolvido? Mais uma vez, temos a presença de uma visão específica de um personagem. O *belíssimo* trabalho não está sendo detalhado no que compreende, mas certamente quem acompanha a cena num todo, entende que esse *belíssimo* corresponde aos atores sociais, conforme as “leis” neonazistas. Há uma exclusão total de pormenores, que atinge o seu efeito de ironia, através de uma súbita eclipse.

Caio¹⁰: O ônibus tá atrasado. Mantenha posição.

Priscila: Pode deixar.

Paulão: Segurou bem hein Priscila.

*Priscila: É isso que **a gente** precisa. Frieza pra agir. **A gente** não é um bando de arruaceiro briguento, não.*

Nesta cena, o diálogo acontece em uma das ações do grupo, onde estão prestes a incendiar um ônibus com nordestinos, no qual a célula de Priscila e a de Caio estão unidas na execução. Uma batida de carro fez Priscila se atrasar no horário combinado, e neste momento estavam esperando a notícia se o ônibus já teria passado ou não. Caso já estivesse passado, a “guerra” seria entre as duas células, pois Caio e o seu grupo não aceitaria não ter colocado a operação em prática. Então, verifica-se mais

¹⁰ Líder de outra célula neonazista.



que um discurso de poder, percebe-se que também há “guerras internas” entre os poderes de uma mesma ideologia.

A *gente* mostra o total apagamento do agente da passiva. A *gente* quem? Claro que, nesta supressão também ocorre o segundo plano, ou seja, os atores sociais excluídos poderiam ter sido incluídos, mas é reduzido o seu papel, colocando-se em secundário e sendo “citado” em outras partes do discurso. O *a gente*, por mais que suprima a nominalização *neonazistas*, dá ao espectador condições para entender de quem se trata. Eles foram beneficiados com essa exclusão, pois define bem o que não são: *um bando de arruaceiros*. Esse discurso constrói de uma maneira simples e direta, o que os participantes das células neonazistas precisam ter: *frieza para agir*. E isso é levado ao telespectador de maneira rápida.

Priscila: Nós não somos uma corja, nós lutamos pelo que acreditamos. Não foi assim que você me ensinou mamãe? A ter ideais e a lutar por eles? Pois você criou uma mulher vencedora. Sou a líder da minha célula neonazista. Eu sou respeitada pela minha luta.

No caso da inclusão, fica óbvio a sua ação, já que as representações fazem questão em se sobressair. Na fala abaixo, percebe-se que há o propósito de pronunciar cada palavra de maneira com que o público perceba o orgulho da personagem em fazer parte da célula e ter conquistado uma função de honra, que é o de liderar. Há um tom de que “tudo vale a pena”, porque esse é o seu ideal de vida.

2.2 Papéis dos atores sociais

Neste ponto é refletido sobre os papéis atribuídos pelas representações: os atores como agentes da ação ou como pacientes da ação, a finalidade. E essas representações podem dotar os atores com papéis ativos ou com papéis passivos, demonstrados gramaticalmente também. Como explica Leeuwen (1998, p.187), “a ativação ocorre quando os atores sociais são representados como forças ativas e dinâmicas numa atividade, e a passivação quando são representadas como “submetendo-se” à atividade, ou como “sendo receptores dela.”” Tudo isso é realizado através de papéis gramaticais.

Priscila: (...) Quando a polícia sobe na favela e mata traficante, tem gente inocente, criança, eles estão fazendo isso para reestabelecer a ordem pública. Quando um país invade o outro, em prol da "paz mundial", matando centenas, dezenas, milhares de pessoas... Eles estão agindo para o bem comum.

O *eles* são ator em relação ao processo de reestabelecer a ordem pública (finalidade). O papel ativo do ator social em questão é mais declarado, destacado.



Quando no começo é mostrado quem são “eles”, percebe-se que tem gente inocente, criança, são ativados e passivados. Quem os ativa é a polícia (*eles*).

No segundo *eles*, o ator social passivado torna-se sujeito ou beneficiado. No primeiro discurso, eles recebem a ação, mas quando é dito que *eles* estão agindo para o bem comum, o entendimento é remetida a justificação do *tem gente inocente, criança*. Agora, eles também estão inclusos no “*bem comum*”, atuando ativamente. Esse é o processo de circunstancialização, segundo van Leeuwen.

A personagem Priscila em discussão com a sua mãe (Valéria), cita exemplos condicionados a “normalidade”, justificando atitudes as quais são utilizadas por quem vive o neonazismo. É excluído o termo, mas são utilizadas outras palavras para que o discurso de ódio seja imperado na cena. Ou seja, a exclusão da representação do neonazismo é interpelada com a inclusão de “pareceres” de uma prática “paralela” como justificativa, para que o discurso atinja os seus interesses, já que essa exclusão também é uma estratégia de propaganda, que visa criar medo.

Paulão: Amava? A senhora não ama mais a sua única filha, não é Dona Valéria?

Através do pronome possessivo, também ativamos atores. A *sua única filha* passa a ativar a ação *não ama mais*. O apelo encontrado no *sua* é inteiramente ligado ao amor que não se tem pela filha, tornando o discurso contra a própria personagem que fala.

2.3 Associação e dissociação

Os atores sociais também podem ser representados através de associações. Como a própria palavra sugere, são grupos formados por atores sociais e/ou grupos de atores sociais, que podem ser nomeados e/ou categorizados no discurso. A forma mais comum é a parataxe, que é uma sequência de frases, termos que estão justapostos, uma ao lado da outra, sem conjunções que as conectem.

*Priscila: Já pensou Bárbara? Um lugar só pra gente? Hum? Um bar **sem mistura, sem neguinho, sem gay, sem nordestino**. Parece um sonho.*

Neste exemplo, percebemos a representação feita por um conjunto de pessoas que, segundo os neonazistas, não merecem compartilhar o mesmo espaço que eles. E quando tiverem um espaço sem eles, será a concretização de um *sonho*. *Mistura, neguinho, gay e nordestino*, aliaram-se em relação a uma exemplificação do que seria um sonho. Essa representação é estável e duradoura, pois essa especificidade é algo que rege a ideologia



neonazista assim como os judeus é considerado em relação aos nazistas. No livro *Hitler um perfil do poder*, Ian Kershaw (1993) cita uma fala de Hitler. (...) “onde quer que eu fosse, comecei a ver judeus e, quanto mais os via, mais nitidamente eles passaram a se distinguir, a meu ver, do restante da humanidade”.

As associações fazem e desfazem-se, no que resulta na dissociação. Algo pode estar inteiramente associada com outra coisa, mas que a qualquer momento, seja por conta do tempo, espaço ou qualquer outro fator, podem dissociar-se e assim repetir o “ciclo”.

Priscila: Vai brindar, mamãe?

Antes da mãe de Priscila descobrir sobre o seu envolvimento com o neonazismo, elas tinham uma relação de mãe e filha, apesar de todo o esforço de Priscila em esconder a sua ideologia e tentar investir através do dinheiro da sua mãe. Depois que ambas ficaram sabendo do que a outra já sabia, esse laço maternal foi desfeito. Agora, Priscila já pronunciava o *mamãe*, não com o sentimento de filha, mas como uma líder neonazista que encontra em sua progenitora um inimigo forte aos seus ideais. A dissociação ocorreu depois das “revelações” feitas entre as duas, pode-se assim dizer.

2.4 Indeterminação e diferenciação

Segundo Theo Van Leeuwen em sua análise, a indeterminação é mais notável quando realizada através de pronomes indefinidos, tornando o ator social “anônimo”, enquanto que quando ocorre explicitamente a presença de atores sociais, a diferenciação repercute na representação, fazendo uma breve comparação entre ambos atores ou grupos sociais semelhantes, diferenciando-os(eles/nós; eu/você).

Bárbara: Se alguém da família dele vier atrás?

A identidade do ator social neste discurso foi ocultada, para que a ideia de “não é nada importante”, “foi um flanelinha que morreu” viesse à tona. Há um pouco de receio “caso a família viesse atrás”, mas logo em seguida é afirmado que ele, *o flanelinha*, é preto e pobre, assim não haveria problema nenhum. O pronome indefinido *alguém*, mesmo expressando de maneira imprecisa, vaga, auxiliou na indeterminação e no efeito desejado.

Flanelinha: Lá na minha comunidade a gente até sabe que a lei não ajuda muito o pobre não... Mas nem por isso a maioria sai por aí fazendo justiça com as próprias mãos... A gente sabe o certo, dona. Sou estudante. Trabalho de dia e estudo de noite. Com muito sacrifício. Só vim aqui mermo porque eu queria conversar, fazer a senhora entender que eu sou gente. Que nesse mundo existe espaço pra todo mundo e que violência não leva a nada!

Aqui há uma comparação de discurso e de representação. O *flanelinha* expõe uma dualidade de ações na sua comunidade (sabem que a lei não ajuda o pobre; a maioria não faz justiça com as próprias mão; mesmo sendo pobre estuda e trabalha; é gente do mesmo jeito que Priscila) e ao mesmo tempo afirma que o mundo existe espaço para *todos* (ele e Priscila compartilham do “mesmo mundo”). A diferenciação é feita de maneira explícita, confirmando as diferenças existentes nas representações.

Valéria: O que é que presta pra você, Priscila? Os neonazistas?

*Priscila: Com muito orgulho. (Valéria bate no rosto de Priscila) **Você bate, né? Bate aqui. Por que eu tenho minha ideologia? Por que eu luto por ela? Agora se a gente bate, eu ou o Paulão, aí nós somos violentos, nós somos criminosos.***

Mais um exemplo da diferenciação. A mesma atitude em questão – bater – é uma prática dos dois “lados” em questão. Valéria *bateu* pela resposta da filha, e Priscila logo rebate que, quando essa ação é feita por ela ou por Paulão, é crime, é violência. Há uma diferenciação notória entre o *bater* dos dois lados. A inteligência e a sagacidade de Priscila, como líder de uma célula neonazista, não daria chance para que essa “comparação” não fosse feita, mas também diferenciada.

2.5 Nomeação e categorização

*Priscila: Oi, **Bárbara!** Olha só quem eu encontrei no caminho... Fique a vontade!*

*Paulão: **O flanelinha, Bárbara!** Que a **Priscila** atropelou outro dia.*

Flanelinha: Não, não... É... Sorriso. É assim que meus amigos me chamam.

Enzo: Nem nome o cara tem.

Priscila: Deixa eu adivinhar. Você veio aqui pra... Pedir dinheiro, né?

O objetivo de Leeuwen com este tipo de análise é investigar que tipos de atores sociais são num dado discurso categorizados, e quais é que são nomeados. No diálogo acima, percebe-se que os nomes dos integrantes da célula são explicitamente nomeados. Quando aparece *o flanelinha*, com o apelido de *Sorriso* é zombado como quem não tem nome. A categorização está explícita, pois a partir de uma função considerada miserável, Paulão e os outros associam ao nome do rapaz como *o flanelinha*. Além de ser uma categorização, é do tipo funcionalização, pois está sendo referida a uma atividade, função.

E quando o mesmo responde o seu nome, que na verdade é como lhe chamam em sua comunidade, logo é categorizado mais uma vez por não considerarem *Sorriso* um nome próprio e assim confirmar o que acreditam que ele



seja. Isso fica bem claro na frase de Priscila, quando o indaga se ele foi à sua casa, no intuito de pedir dinheiro.

Esta análise, só reafirma o exercício do poder de pessoas que seguem às diretrizes neonazistas. Ainda sobre este ponto, “os personagens sem nome cabem apenas papéis passageiros e funcionais” (LEEUVEN, p.200). No caso de *Sorriso*, ele apareceu apenas nesta sequência de cenas, deixando claro o objetivo de sua participação: mostrar nas imagens e diálogos o que os neonazistas acham dos negros, pobres e de pessoas que vivem em guetos, favelas, comunidades.

A categorização também pode ser de identificação, essa por sua vez se distingue em três tipos: classificação, identificação relacional e identificação física.

As categorias de classificação variam histórica e culturalmente, e incluem dados como idade, raça, religião, orientação sexual, etc.

*Priscila: Nasceu avariado. É preto.
Priscila: (...) Sou a líder da minha célula neonazista.*

Nas representações acima, a presença dessa categoria é óbvia. No primeiro, está categorizado como uma raça, *preto*. No segundo, há identificação clara da ideologia seguida pela personagem, da qual é líder, acompanhado do tom de poder que ela requer.

A essência da “vontade de poder” é definida como “acima de tudo uma paixão e mais especificamente a paixão de dominar” (Nietzsche, 1966:25). Aqueles que expressam esse poder de comando elementar, transgressor e explosivo, dominam naturalmente os fracos. São heróis que fazem suas próprias leis fora das convenções, baseados nos impulsos autênticos de seus desejos pessoais. (LINDHOLM, 1993, p.33)

Também se discute a ligação sobre as categorias de funcionalização e classificação, pois ambas desempenham um papel da identificação do ator social. Para algumas teorias, elas são indistintas e “designadas socialmente” (BERGER, 1996).

As identificações relacionais são quase sempre possessivadas, com sentido de relação, pertença, como acontece com os atores sociais em termos da relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si. No exemplo abaixo, fica claro através do pronome possessivo *sua*. Nesta cena, a mãe de Priscila descobre que foi envenenada pela própria filha e não consegue acreditar que ela foi capaz de tal ato. Pois, apesar de tudo, achava que isso ainda teria valor para Priscila, que o grau de parentesco (mãe e filha), estivesse acima da sua ideologia, acima do nazismo.



Paulão: E eu sou testemunha disso. Sua filha é uma mulher persistente, que age com inteligência, se doa a causa.

Valéria: (...) Eu sou sua mãe. Eu sou sua mãe, Priscila.

Theo van Leeuwen afirma que na nossa sociedade o papel da identificação relacional é menos importante do que o da classificação e funcionalização, principalmente no que diz respeito às relações pessoais e de parentesco. Como no nepotismo, um termo utilizado para designar o favorecimento de parentes ou amigos próximos em detrimento de pessoas mais qualificadas, geralmente no que diz respeito à nomeação ou elevação de cargos. É uma palavra de origem no latim, onde *nepos* significa neto ou descendente.

Também percebe-se essa questão quando a primeira coisa que muitas vezes perguntamos a alguém é de onde ele é, quando logo se percebe algum sotaque, e o que ele faz, que se constitui como uma “base” para uma relação e início de um diálogo.

Na nossa sociedade, onde as relações de parentesco continuam a ser funcionalmente importantes, como é especialmente o caso da relação entre mães e filhos, os termos relevantes tornam-se polivalentes: [mãe] pode ser usado como funcionalização ([ser mãe] não é o acto de cuidar de uma criança, enquanto [ser pai] significa apenas o acto de gerar uma criança!), mas também uma nomeação [mãe] e ainda como identificação relacional [a minha mãe]; do mesmo modo (criança) pode ser uma classificação, assim como uma identificação relacional. (LEEUVEN, 1998, p. 205)

Já a identificação física, como o próprio nome sugere, é identificada conforme as características físicas que identificam os atores sociais num dado contexto. É mais constante em narrativas, quando algum personagem é apresentado, fazendo com que a atenção do leitor ou ouvinte se volte para os atributos físicos e assim se denote a idade, o sexo e outras informações.

2.6 Sobredeterminação

Ocorre quando os atores sociais são representados através de mais de uma prática social. No caso de Priscila Shirley, ela usa toda a confiança que a sua mãe tem nela, para assumir a direção da escola, fazendo com que novas “regras” sejam adotadas, camuflando-as de “a formação de crianças com a capacidade de reconhecer e de lutar, pelo que presta e o que não presta nesse país”.

Doutora em História, no início da trama ela se apropria de suas facetas para que os seus ideais sejam alcançados. Nota-se com isso também a inversão, que é uma forma



de sobre-determinação, onde os atores sociais estão ligados a duas práticas, que se opõem uma à outra, se contradizem num certo sentido. Em certo momento da trama, Priscila anuncia que dará aula de História na escola, mesmo sem “desconfiarem” que ela é uma neonazista, essa notícia já amedronta os alunos e funcionários. A sobre-determinação aqui legitima a prática de que, mesmo tendo como base a ideologia neonazista, Priscila tem uma formação acadêmica em história e utiliza-a para servir aos seus ideais.

Outra forma de analisar a representação dos atores sociais através da ACD, tendo como referência a sobre-determinação, é quando um ator social ou um grupo de atores sociais “ficcionalis” representam atores ou grupos em práticas sociais não-fissionais, ou seja, é quando um determinado ator representa em uma situação ou atividade tantos outros atores que estão inseridos também nessas práticas sociais, na realidade.

Paulão: E as guerras, dona Valéria? E quando se mata pela democracia?

Priscila: Muitos militares espancaram, torturaram, mataram aqueles que eram contra a ditadura militar? Eles estavam lutando pela ideologia deles.

Paulão: E por que a gente não pode lutar pela nossa?

Valéria: Um erro não justifica o outro. Desrespeito a vida humana, a ignorância, do preconceito, de não considerar um judeu, um negro, um nordestino, um gay, um ser humano capaz, é de uma estupidez, de uma burrice, de uma insanidade. É impossível, Priscila, respeitar a sua corja.

Temos um ótimo exemplo no nosso objeto de estudo. Acima, os personagens Paulão, Priscila e Valéria, externam um discurso que faz parte do discurso real de muita gente, independentemente de qual seja a ideologia. Há aqueles que defendem o que Priscila e Paulão argumentam, e há os que se posicionam a favor como Valéria expõe. Percebe-se que, temos dois integrantes de uma célula neonazista e uma pessoa totalmente adversa da mesma. Mas ambos estão representando tantos outros atores sociais, quer neonazista ou não, que compartilham do mesmo discurso, da mesma representação. Esse ponto é de extrema importância a ser percebido, pois é assim que discursos se propagam, mas que, dependendo de quem emite, do ator social, a possibilidade dele ser um adepto de alguma questão nazi é quase anulada. Acabamos de refletir sobre a simbolização, mais uma divisão dentro da sobre-determinação.

O amor de Hitler pela guerra fica evidente em sua incansável procura por ela, e no fato de que sua visão milenarista foi obviamente modelada depois de sua experiência na frente da batalha. Na sua filosofia “o líder era o oficial do exército elevado a uma condição sobre-humana” (Fest, 1975:103), lealdade e disciplina incondicional eram as principais virtudes, a unidade da comunidade era completa e o “novo homem” do nazismo apresentava, acima de tudo, as qualidades

dos membros das tropas de assalto, tais como heroísmo, coragem, crueldade e auto-sacrifício. (LINDHOLM, p. 130)

Outra categoria da sobredeterminação é a conotação, “que ocorre quando uma única determinação (uma nomeação ou identificação física) corresponde a uma classificação ou funcionalização” (LEEUWEN, p.213). O conhecimento transmitido não é necessariamente consciente, basta ativar a conotação “mítica” de quem o percebe. Na imagem abaixo, mesmo que o diálogo não representasse o grupo, não falasse especificamente sobre as vossas ideologias, a imagem da tatuagem de Priscila já basta para que o público, através de um mínimo conhecimento de História, associe ao nazismo.



3 A REPRESENTAÇÃO DENTRO DO VISUAL

Refere-se à organização dos participantes sociais e às suas finalidades e intenções, mediante a ação discursiva, cujo padrão de inclusão e exclusão social está relacionado com a classe social. Na teoria de Van Dijk, consta que ainda há as formas micros que se referem à entonação da voz, nas figuras retóricas, nos gestos, etc.

Segundo van Leeuwen, as representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem. Neste aspecto de inclusão também se enquadra outros elementos de práticas sociais, tais como as atividades sociais que as constituem, quando e onde decorrem, o vestuário e os atributos corporais que as acompanham. As imagens visuais é uma dentre muitas práticas sociais de representação.

Na imagem abaixo, percebe-se que o enquadramento da face de Priscila e do flanelinha “Sorriso”. Muito diz ao que se refere à dominação do poder, que é um dos objetivos da análise crítica do discurso, analisar e revelar o papel do discurso na

(re)produção da dominação. Ele aparece em segundo plano no espelho do retrovisor, com um olhar fixo, mas ao mesmo tempo tenso; ela aparece com uma imagem “neutra”, tentando disfarçar a sua “abominação” por negros e pobres, mas que seria necessário esse “disfarce” para que ele os acompanhasse até a casa de Priscila, onde aconteceria a morte de Sorriso. A dualidade de cores (preto/branco) produz no telespectador as diferenças marcantes entre os que verdadeiramente acham que a sua cor representa uma raça ariana e quem deve ser exterminado, para que os arianos, com total pureza, imperem.

Um dos pilares da ideologia nazista era o racismo. Segundo a visão dos nazistas na década de 1930, havia a raça ariana, à qual pertencia o alemão. Segundo a teoria nacional-socialista, inspirada na obra de Nietzsche sobre o super homem, haveria, em contraposição, raças inferiores e não-raças. Os grupos indígenas, negros e mestiços, habitantes da América Latina, pertenceriam às raças inferiores e por isto não deveria ser "misturados" com os arianos. Segundo Adolf Hitler, o cruzamento de raças acarretaria em um rebaixamento do nível da raça mais forte e a um regresso físico e intelectual. (DIETRICH, 2007, p. 128)



4 CONCLUSÃO

Em virtude do que foi exposto, e nos vídeos respectivos das cenas analisadas, não há apologia à ideologia nazista, pelo contrário, a inserção de tais personagens e discursos é o de alertar que essa prática não ficou no passado, mas que ainda existe, e muitas vezes, por estarem camuflados por inúmeros estereótipos, os que apoiam essa causa não são identificados tão claramente.

Foi de intenso contributo o livro *Análise crítica do discurso*, as colocações de Emília Ribeiro Pedro, Theo van Leeuwen e todos os autores que estudam essa área. Através dessa vertente do discurso, desconstruímos as falas dos personagens e a



(re)contextualizamos com outro olhar, através da criticidade linguística que atores sociais requerem. Tal processo é de extrema importância, pois a partir dessa desconstrução, encontramos estratégias linguísticas que acabam fundamentando tantas ideologias e fortalecendo a manipulação e os domínios de poder. Por outro lado, descobrimos ferramentas que nos tiram da “obscuridade semiótica” e permitem o aprofundamento nas questões linguísticas e sociais.

REFERÊNCIAS

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido nazista no Brasil**, 2007.

KERSHAW, Ian. **Hitler: Um Perfil Do Poder**, 1993.

LINDHOLM, Charles. **Carisma: Êxtase e perda de identidade na veneração ao líder**, 1993.

MONTEIRO, Manuel. **Qual o papel da televisão na democracia?** 2003.

NÓBREGA DE JESUS, Carlos Gustavo. **Neonazismo: nova roupagem para um velho problema**, 2003.

RIBEIRO PEDRO, Emília. **Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos**. In: PEDRO, Emília Riberio (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1998.

VAN DJIK, Teun. **Semântica do discurso e ideologia**. In: PEDRO, Emília Riberio (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1998

VAN LEEUWEN, Theo. **A representação dos actores sociais**. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa, Portugal: Editorial Caminho, 1998.